



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18077 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Educação e Povos Indígenas

LETRAMENTOS PLURAIS NA PROCISSÃO DA BANDEIRA: ELEMENTOS DE SABERES NA ETNIA INDÍGENA KAIMBÉ

Izael Bitencourt de Oliveira - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Obdália Santana Ferraz Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

LETRAMENTOS PLURAIS NA PROCISSÃO DA BANDEIRA: ELEMENTOS DE SABERES NA ETNIA INDÍGENA KAIMBÉ

1 INTRODUÇÃO

Este estudo de mestrado, em andamento, tem o objetivo de compreender como os letramentos plurais se apresentam na comunidade indígena da etnia Kaimbé, nos processos de educação informal desenvolvida por esse povo, na interação cotidiana, especificamente, a partir das vivências da celebração do “Sábado dos caboclos”, tomando como foco a “Procissão da bandeira”, uma manifestação significativa na cultura de Massacará.

Esta discussão toma como base os “Novos Estudos dos Letramento” (Street, 2014), que compreende os letramentos “como prática social que fornece um modo de construir sentido sobre as variações nos usos e nos significados do letramento” (Street, 2014, p. 75). Letramentos, nesse sentido, são produtos de uma determinada cultura. Partindo dessa perspectiva acerca do conceito, buscamos compreender a procissão da bandeira, a partir do protagonismo do povo Kaimbé, como movimento festivo que revela suas idiossincrasias, seus saberes e práticas tradicionais, vivenciadas na comunidade como processo de resistência, de reivindicação e de afirmação de sua identidade étnica.

Para tanto, esta pesquisa se caracteriza como uma investigação de cunho qualitativo e etnográfico, pois intencionamos descrever os significados, desvendar a realidade (Geertz, 2008), através das perspectivas cultural e religiosa, através da observação das práticas de letramentos que se desenvolvem em torno do evento denominado “procissão da bandeira”, da Comunidade do povo Kaimbé.

O *corpus* desta investigação, ainda em construção, tem se constituído pela nossa inserção na Aldeia Massacará, município de Euclides da Cunha. As primeiras observações aconteceram no contexto da atividade festiva, o “Sábado dos caboclos”, realizada em 18 de maio de 2024, primeiro dia de nove noites consecutivas.

Essa discussão trata dos letramentos sob a perspectiva do empoderamento, visto que nos interessa compreender como o povo Kaimbé, a partir da ativação de suas criatividade, demonstra, na Procissão da Bandeira, suas habilidades de letramentos, tomando como base suas necessidades contextuais.

Os letramentos, neste estudo, são compreendidos como “constitutivos da identidade e da personalidade (*personhood*)” (Street, 2007, p. 466). Dessa forma, constroem-se a partir de “situações reais de interação, pois são sociais, são desenvolvidos nas relações sociais” (Silva; Santana; Xavier, 2023, p. 379). A procissão da bandeira é, ao nosso ver, um evento de letramento.

Os eventos de letramentos podem ser entendidos como a execução de atividades sociais que possibilitam a realização de diferentes tipos de interação entre indivíduos semelhantes (ou não). Podem ocorrer em diferentes espaços de interação social; portanto, o conjunto dessas ações resultantes da troca de significados é o que é entendido como evento de letramentos (Street, 2014).

Os saberes e a valorização tradicional como eventos de letramentos, observados na referida celebração mantêm a identidade da população indígena do Massacará, revelando o zelo e promoção da valorização da identidade indígena Kaimbé, bem como a legitimação étnica dos membros da comunidade. A construção de significado desenvolvido pelo povo Kaimbé, no contexto da procissão, apresenta o modo como esse povo é produtor de significados que geram saberes e evidenciam seu protagonismo frente a presença colonizadora, reafirmando seu pertencimento ao território indígena do Massacará, desde tempos imemoriais.

2 A COMUNIDADE INDÍGENA KAIMBÉ E SUAS PRÁTICAS DE LETRAMENTOS

O empoderamento das comunidades indígenas brasileiras traduz a resistência às inúmeras tentativas colonizadoras de ditar uma história contada a partir de noções exclusivamente ocidentais. Parte dos saberes que são desenvolvidos nessas comunidades indígenas fazem memórias aos dias jamais esquecidos, que envolve a presença colonizadora, representada pela chegada de não indígenas à Aldeia, de modo a influenciar seus meios de produzir significados. A introdução de letramentos dos povos não indígenas na comunidade Kaimbé se expandiu e alterou formas e comunicação local, o que acarretou a adaptação de seus propósitos aos dos povos não indígenas (Street, 2006).

Esse protagonismo está presente, também, na comunidade indígena da etnia Kaimbé, localizada no município de Euclides da Cunha (BA), a partir dos conjuntos de celebrações religiosas que marcam o início do festejo cristã-católica em honra à Santíssima Trindade, concebida nessa comunidade como “protetora”.

A celebração é seguida de um conjunto de movimentos próprios da comunidade, marcadores da identidade Kaimbé; entre eles, a “procissão da bandeira” (Souza, 1996). O momento é essencialmente comunitário e registra uma ambiência que comporta elementos de natureza “sagrada”, de cunho religioso cristão-católico, como também elementos caracterizados como “profanos”, assim compreendidos, devido à presença de fenômenos considerados como não religiosos (bebidas alcoólicas, danças, por exemplo).

É significativo observar que a junção dessas duas dimensões produz letramentos que configuram/determinam a liturgia (ritual) de preparação e continuidade da festa. O que caracteriza a procissão da bandeira como reveladora de identidade Kaimbé é o modo com o qual as dimensões existenciais (profano e sagrada) se apresentam, unido a uma profundidade transcendental, permitindo festejar o comunitário, o cultural, o religioso. São raízes que ganham força e se presentificam a partir de elementos como a bandeira, a zabumba, a flauta, a dança, a cachaça, os fogos, entre outros elementos que produzem experiências de letramento, no contexto dessa procissão.

O contato com esse momento de celebração e vivência Kaimbé nos permitiu compreender que os eventos que ocorrem durante o ato celebrativo são reverenciados, respeitados, valorizados. São reproduções de saberes deixados à comunidade por seus ancestrais. Alguns atravessamentos que ocorrem durante essas vivências são marcas da presença dos saberes do povo Kaimbé, construídos em um tempo (cronológico) diferente dos seus antepassados. Ainda assim, as práticas de letramentos que partem de gerações passadas se sustentam, hoje, pela necessidade de se manter viva a presença dos saberes deixados por outros.

A realização dessa experiência de letramento apresenta elementos muito além da materialidade (bandeira, instrumentos musicais, bebidas, entre outras); integra aspectos ancestrais, sociais e estéticos. Os letramentos presentes nesse conjunto de reverências apresentam referências ancestrais que acompanham a celebração, fortalecendo a cultura dos Kaimbé como arco de resistência, como manutenção da identidade desses indígenas

O elemento da bandeira, composta por uma madeira de sisal, ornamentada com um tecido azul claro e enfeitada com papel celofane, é uma herança tradicional ligada à etnia como sinal de pertença, identidade, presente na memória Kaimbé (Souza, p. 134, 1996). Uma vez que os elementos de composição da bandeira não ocupam um lugar essencialmente religiosos, visível a partir da mística dos detalhes na bandeira ou na madeira que a sustenta, o valor está, nesse sentido, na “representatividade identitária” (Altmicks; Canton, 2020), presente no ato de formação e celebração da procissão da bandeira.

Os espaços de formação da identidade desse povo podem ser percebidos na procissão da bandeira, a partir de elementos simbólicos, tanto a partir da própria bandeira, como também a partir de outros elementos e ações comuns que se fazem presente nesse momento de celebração: a cachaça presente em todo o percurso feito até a igreja da Trindade, as danças, o cachimbo (usado por algumas pessoas). Essas ações materializam a combinação das duas dimensões apresentadas anteriormente, a união entre o “profano” e o “sagrado”.

Algumas práticas de letramentos que constituem a procissão da bandeira resultam da presença ativa de não indígenas na Aldeia Massacará. Segundo Altmicks e Canton (p. 546, 2020), “os Kaimbé tiveram que aprender a lidar com modelos culturais e institucionais, que não os seus”; dessa forma, os elementos ditos “profanos” e “sagrados” presentes na vivência comunitária podem ser entendidos como a presença de diferentes letramentos introduzidos no contexto de formação e identidade Kaimbé.

A causa da mistura dessas duas dimensões, o profano e o sagrado, presentes na procissão manifestam também zelo pela religiosidade cristã. Uma religiosidade que é fruto da presença colonizadora. Embora o marco da procissão, bem como toda celebração que constitui esse evento, tenha a dizer muito mais acerca do povo Kaimbé, a presença de elementos não religiosos, entendidos aqui como “profanos”, revelam um protagonismo Kaimbé que se sustenta na medida em que o ritual ocorre e permanece com esses elementos do início ao fim da procissão.

A procissão segue um ritual comum em todos os anos: o seguimento da bandeira até a parte da frente da igreja da Trindade, entre zabumbas e flautas

doces. No caminho, a conversa, o riso, a cachaça não ficam de fora. Diferente de outras celebrações que possuem como referência a procissão, essa caminhada não é acompanhada de canto, de vozes que entonam algum tipo de mensagem. O conjunto desses elementos resulta em uma procissão que materializa as práticas de letramentos do povo Kaimbé. São letramentos plurais, situados; letramentos contextualizados em seu território, mas que interagem com outras práticas de letramentos situadas em outros ambientes, culturalmente diferentes. Pois, os Kaimbés ao vivenciarem a relação local-global, sociedade indígena-sociedade não indígena, vão reinventando suas tradições, e produzindo novos letramentos.

Os povos indígenas, ao vivenciarem a dialética – local/global; nós/eles; sociedades indígenas/sociedades não-indígenas – há mais de 500 anos, vão reinventando suas tradições ao passo em que são influenciados e influenciam a sociedade majoritária que as cercam. (Felix, 2007, p. 107)

Compreendemos que os letramentos produzidos pelos Kaimbé, não se restringem ao aspecto básico e à produção cultural de resistência, dentro do contexto das imposições deixadas pela presença colonizadora. Mas, uma soma da memória, identidade e pertencimento gerados a partir dos seus saberes e que estão materializados dentro das práticas, as quais eles (o povo Kaimbé) assumiram como parte de sua identidade.

O percurso da procissão é longo e estreito, as encruzilhadas fazem-se presente a todo o tempo. Nesse momento, os homens que acompanham a procissão com os instrumentos musicais, com gesto piedosos, inclinam-se e traçam um sinal da cruz. Aqueles que acompanham a caminhada quase que não se atentam a esse sinal, uma vez que a interação com o álcool está mais presente. Na procissão, os elementos de cunho cristã quase não aparecem, surgindo somente em momentos específicos, como o sinal da cruz, quando a procissão passa por encruzilhadas.

A dinâmica que constitui a procissão, seguida dos instrumentos musicais e da bandeira, apresenta processos de letramentos que introduzem a comunidade no seu modo de compreender a realidade que a cerca. Essa realidade é marcada na execução festiva, nos momentos de danças, de conversas, na caminhada rumo ao destino final. Os letramentos que se são mobilizados para essa festividade acontecer marcam o encontro dos saberes dos antepassados presentes no modo de realizar os ritos e na festividade que ocorre na procissão.

Essa compreensão não parte dos espaços colonizados, mas de uma interiorização daquilo que compreendem como parte do seu modo de conexão com o divino e, bem mais, em cumprir um ritual tradicional. As manifestações religiosas unidas às práticas culturais presentes na comunidade, como sinal da memória

tradicional Kaimbé, são marca dos letramentos que são mobilizados para a construção e produção dos elementos que marcam a procissão da bandeira. Nesse sentido, as práticas desses letramentos que estão materializados nas ações durante a procissão, podem ser entendidas como formadoras da identidade Kaimbé e de seus meios de produção cultural.

A procissão cumpre sua finalidade ao chegar em um dos seus destinos: a igreja da Santíssima Trindade. O tempo de um lugar ao outro não é relevante, que marca a saída da casa de Dona Filomena, dona da casa na qual sai a “bandeira e os feixes de palha de licurizeiro” (Souza, 1996, p. 135), à Igreja. A satisfação do povo Kaimbé se revela na dança que é movida pelo toque da zabumba que se instala em frente à igreja, pelos diálogos travados no caminho, entre outras experiências.

O movimento andante poderia fazer um percurso que entrasse pela comunidade, porém, a geografia da procissão é chegar à igreja por um caminho no qual transportes não passam com facilidade (Souza, 1996). Os desafios das pessoas que consomem álcool durante a passagem aumentam quando chega próximo à igreja, uma subida inclinada antecede a chegada ao local onde a bandeira ficará.

Os significados a cada estação vivenciada, durante e depois da procissão, é explicada facilmente por aqueles que acompanharam a procissão e que aguardaram a sua chegada frente à igreja. No percurso, as memórias dos antepassados começam a fazer presença nas narrativas daqueles que vivenciam esse evento. Os letramentos que constroem nesse contexto marcam a festividade que aquela sequência de ações tradicionais representa, e que está associada à maneira como os antepassados vislumbraram aqueles acontecimentos, hoje, ressignificados pelos Kaimbé através do movimento do “Sábado dos caboclos”.

A estética que acompanha a procissão também é marcada pela saudação às memórias passadas. É comum que durante o caminhar até o local desejado, a igreja, a procissão faça pausa, ao encontrar pelo caminho espaços dedicados a pessoas já falecidas. As memórias desses entes são reverenciadas ao som da zabumba; aí se destacam os letramentos religiosos (reverência aos parentes falecidos nas encruzilhadas, o respeito dado aos toques dos sinos, visita à Capela de São Vicente, ao final da Procissão da Bandeira, por exemplo) e tradicionais que celebram a passagem de pessoas que estiveram entre eles e que deixaram rastros na caminhada feita, dentro da Aldeia Massacará.

O trajeto não se faz com pressa. Os zabumbeiros interagem uns com os outros, parando apenas no momento em que tomam o tradicional “gole de cachaça”, ofertado pelos próprios companheiros e companheiras de trajeto. A

sequência dos sons emitidos pelas flautas deixa no caminho uma melodia de músicas/cantigas próprias do povo Kaimbé. Até o momento final, os músicos da procissão dedicam suas energias a esse evento.

Os fogos são registros importantes na festa dos caboclos. Do momento da saída a chegada, sempre há presença de fogos. É esperado que durante o percurso os fogos se façam presentes e marcam/aparecem como sinal de festança. Os fogos aparecem também durante as noites seguintes, marcando o início e o final das celebrações que ocorrem durante nove noites consecutivas.

Na igreja da Trindade, no alto do morro, a bandeira que acompanhou toda a procissão, deve ficar hasteada ao lado do “pé de sino” unido com um ramo de palmeira. O pé de sino é uma celebração que culmina com a chegada da bandeira. No momento da chegada da bandeira, os zabumbeiros e os homens com flauta, se aproximam dos sinos que estão em frente à igreja e ali começam a tocar, aos sons dos sinos, seus instrumentos.

A comunidade ali reunida celebra de modo a dançar forró. A alegria é um sinal presente por parte de quem está dançando e de quem está somente visualizando o momento de festa. A festa continua até que os zabumbeiros deixem o espaço e saiam em direção a um outro momento: chegada até a casa do Kaimbé que recebe todo o povo da procissão e que recebe a incumbência de ser o representante responsável da noite festiva.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca um evento de letramentos que marca a noite festiva religiosa do povo Kaimbé. Os elementos religiosos instalados na Aldeia Massacará, da etnia Kaimbé, não se limitaram aos aspectos bases da doutrina cristã. Para além dessas amarras colonizadoras, os letramentos plurais construídos por essa comunidade indígena destacam os diferentes saberes e construção de significados deixados pelos seus antepassados e produzidos no cotidiano da comunidade. Os efeitos desses movimentos estão presentes nos saberes e tradições produzidos pela comunidade, letramentos significativos, construídos, no processo de uma educação não formal que os indígenas Kaimbé desenvolvem, cotidianamente, na Aldeia Massacará.

A partir dos estudos realizados dentro do contexto celebrativo que ocorre anualmente na comunidade, o Sábado dos caboclos, observamos que a formação indenitária (Altmicks; Canton, 2020) da comunidade faz-se presente nos atos de celebração dessa noite festiva. A festividade apresenta os diferentes letramentos

plurais que ocorrem dentro da comunidade e que são sustentados pelos saberes tradicionais. A procissão da bandeira é um exemplo desse movimento e experiência da identidade Kaimbé.

Ao passo que esse movimento ocorre, os letramentos da Comunidade Kaimbé vão se ampliando, a partir da construção de significados outros que são constantemente recriados na comunidade. Não como uma desvalorização e abandono de suas raízes, mas uma valorização presente e que resiste às forças do tempo, na tentativa de dignificar a tradição deixada por outros Kaimbé.

Esses saberes não são materializados em uma escrita, registrada a partir do punho. A tradição vivenciada por esse povo resisti a partir da oralidade, vivência e reverência aos costumes deixados por seus ancestrais e vivenciados pela comunidade atual.

REFERÊNCIAS

ALTMICKS, Alfons Heinrich; CANTON, Anayme Aparecida. Etnodesenvolvimento indígena: o caso Kaimbé. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 25, n. 1, p. 154-168, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/8347/6332>. Acesso em: 10 ago. 2024.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SOUZA, Jorge Bruno Sales. **Etnicidade entre os Kaimbé de Massacará**. UFBA, 1996. Disponível em: <https://pineb.ffch.ufba.br/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B. V. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filologia E Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 465-488, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59767> . Acesso em: 10 ago. 2024.

STREET, Brian. Eventos de letramentos e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In: KLEIMAN, Angela B. ASSIS, Juliana Alves (Orgs). **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.